Ano VIII — Lisboa, Fevereiro de 1952 — N.º 82

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Gratidão

Para Alma Azul, Guia e esposa

A educação de um povo não pode medir-se, única e exclusivamente, pelo número de Universidades e Escolas existentes no país, antes, além disso, haverá que ter em conta o conjunto de diversos factores que intervêm na formação do carácter dos indivíduos componentes desse povo.

A solidez e probidade dos seus organismos estatais, a saúde física dos seus cidadãos, a bondade das suas tradições, a robustez dos seus lares, são alguns dos factores determinantes do grau de educação alcançado pelo país.

Porque a educação de um povo não é só obra de catedráticos e professores, mas nela intervêm todos que têm alguma função dirigente de qualquer intensidade, seja a chefia da Nação, seja o governo de uma família.

* * *

O êxito do Escotismo não é apenas a consequência directa do trabalho de Chefes e Instrutores, ou dos Guias e seus Escoteiros. Muitas mais factores intervêm na gestação desse êxito, visível ùnicamente na eficiência dos Grupos.

> Os Dirigentes que trabalham no «Sempre Pronto», reconhecendo a justiça das palavras do nosso colaborador Enrique Genovés e certos de que interpretam o sentimento de todos os chefes, associam-se à gratidão expressa neste artigo, prestando homenagem às Esposas dos Dirigentes Escotistas Portugueses, colaboradoras dedicadas e anónimas da obra do Escotismo.

Eu quero referir-me hoje, sòmente a um dos factores que questão, e que é contam nesta constituído pelas esposas dos Chefes Escotistas, pelas nossas esposas.

Estou convencido de que todos nós guardamos no mais profundo do nosso coração, um forte e sincero sentimento de gratidão para a companheira da nossa vida e rainha do nosso lar, que, com uma contínua renúncia aos seus próprios prazeres, das suas distracções, nos anima a prosseguir o nosso contínuo e árido labor escotista.

As nossas esposas, efectivamente, vivem em permanente sacrifício, que não é menor pela formosura da ideia que o inspira. Quase todas as nossas horas livres, essas horas em que, acabado o trabalho, devíamos estar no nosso lar, entre a nossa família, dedicamo-las ao Escotismo. E elas, resignadamente, permanecem um dia atrás de outro na solidão das longas horas de espera, levando avante as suas tarefas, governando a nossa casa para que nela encontremos sempre a paz. Chega um domingo, esse dia que a mulher espera com mais impaciência ainda que nós próprios, sonhando com um passeio, uma tarde de teatro, ou um chá, e os seus planos têm que transformar-se porque nós carregamos com a mochila e vamos ao campo com os Escoteiros. O facto repete-se nas férias de verão; não podemos faltar ao acampamento, temos que marchar a outra região, ou talvez a outro país, chamados pela tarefa do nosso cargo, e nesse acampamento, nessa viagem, consomem-se os escassos dias que temos de licença, e, às vezes, também as economias familiares. E ali, no nosso lar, uma vez mais, fica a esposa do Chefe Escoteiro ligada à sua missão diária, sem férias, sem variar de horizonte seja

(Conclui na 2.ª página)



S. M. O REI JORGE VI

Faleceu o Rei Jorge VI. Soberano de uma grande comunidade de nações, que à dignidade da sua alta realeza sabia combinar um carácter afável e simples, que o fazia querido não só de ingleses, mas de toda a humanidade.

Para nós, escoteiros, o falecimento do Rei Jorge é uma perda que todos sentimos. É que este notável estadista não era só um bom amigo do Escotismo de todas as nações, mas ele próprio envergava o nosso uniforme e educou as suas duas filhas nas fileiras do Movimento.

O seu porte como Rei, como Pai, como Cidadão, como Cristão, era exemplar e verdadeiramente Escoteiro. Nos dias negros da guerra, quando lhe seria fácil abrigar-se longe do perigo dos bombardeamentos aéreos, permanecia em Londres e acorria escoteiramente aos lugares de aflição a confortar os feridos e a sua presença animava os que sofriam, enquanto a sua bolsa pessoal se abria a socorrer aqueles que a guerra colocava em situação difícil.

Curvamo-nos respeitosos perante a memória deste nosso Irmão mais velho, prestando-lhe homenagem pelo exemplo que nos deixou de devoção perante o cumprimento do Dever, de espírito de serviço a Deus, à Pátria e ao semelhante.

Só as decisões que provêm de grandes sentimentos e que são apoiadas por firmes propósitos dão vigor à vida e têm valor na educação.

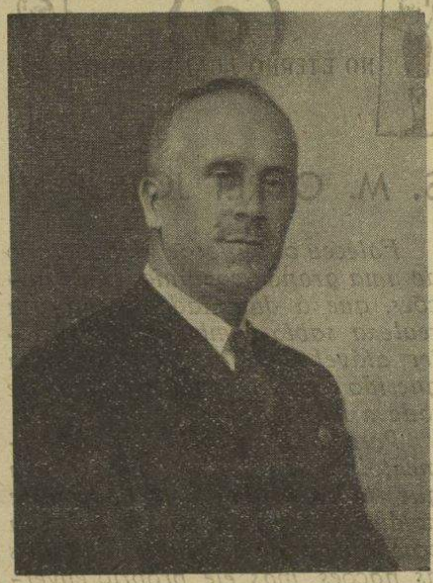
Gonzalo Baéz Camargo

Rev. Joaquim Rosa Baptista

Em virtude de ter assumido o pastorado da Igreja Evangélica do Rossio de Abrantes, em face de necessidades deste campo de trabalho, este nosso caro amigo deixou idêntico cargo na Igreja Evangélica da Ajuda, a que está anexo o Grupo de Escoteiros n.º 94.

Por força do regulamento privativo deste Grupo, o Presidente da Direcção é sempre o Pastor da Igreja, pelo que o Rev. Rosa Baptista deixa também a presidência do 94, que ocupava há 18 anos e onde prestou serviços valiosos, ganhando a amizade de todos os escoteiros.

O Grupo 94, reconhecido pela acção do seu Presidente, vai promover uma festa em sua homenagem, entregando-lhe nessa altura o diploma de Presidente Honorário da unidade.



O «Sempre Pronto», cuja existência se deve ao Grupo 94, conta no Rev. Rosa Baptista um amigo dedicado e contraíu para com ele uma dívida de gratidão que neste momento deseja recordar. Numa altura difícil para a vida do jornal, quando a continuidade da sua publicação dependia inteiramente de uma decisão da Direcção do Grupo 94, foi no seu Presidente que o «Sempre Pronto» encontrou o apoio necessário. A' atitude assumida nessa ocasião por este nosso bom amigo se deve o facto do nosso jornal ter podido prosseguir a sua publicação e ter prestado até agora os seus serviços ao Escotismo Português.

Ao recordar esta circunstância, todos os que trabalham no «Sempre Pronto» saúdam o Rev. Sr. Rosa Baptista e expressam os melhores votos de que o Senhor o abençoe ricamente no seu novo campo de trabalho, associando-se à justa homenagem que o Grupo 94 lhe vai prestar.

PUBLICAÇÕES

«O Problema das Carquejeiras do Porto»

Não tem infelizmente sombras de exagero dizer-se que, em pleno século XX, ainda há muitos escravos esperando a ambicionada alforria. As necessidades que envolvem muitos indivíduos, obriga-os, quantas vezes, a abdicarem dos seus direitos de pessoas humanas, sujeitando-se às mais miseráveis labutas para o grangeio do pão de cada dia. Estão neste caso as famigeradas «carquejeiras», pobres mulheres que, na cidade do Porto, são empregadas no transporte de medas de carqueja, enormes e pesadíssimas, para receberem dessa faina uma paga tão escassa, que constitui quase um insulto ao gigantesco esforço dispendido.

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social, que, desde há anos, vem pugnando pela extinção pura e simples dos cancros sociais e pela adopção de medidas que promovam a elevação do homem e do agregado social, historia agora, num dos seus cadernos culturais, intitulado «O Problema das Carquejeiras do Porto», que melhor se poderia chamar «O Drama das Carquejeiras do Porto», as campanhas que tem levado a cabo com o fito de se pôr cobro à odisseia daquelas dezenas de criaturas.

Que outra virtude não tivesse, a publicação deste opúsculozinho fará aproximar a data da resolução há tanto tempo esperada. Fala-se hoje muito em justiça social, nas condições humanas de existência, no salário vital, da dignificação do trabalho, porém, ao contrário do que se poderia supor, persistem problemas deste género, que não necessitam de reformas profundas e transcendentes, mas aquelas resoluções ditadas pela aplicação da ética cristã, palavras que se ouvem dos lábios de tantos, mas que se pressentem no coração de tão poucos.

O Porto tem necessidade de olhar de frente a situação dessas tristes mulheres, a qual de modo algum se harmoniza com o progresso material de que se jacteia. Esse espectáculo, que nos admiraria na vila mais sertaneja, é indecoroso para a capital do Norte. E' aviltante ver mulheres curvadas ao peso dos enormes fardos de carqueja, algumas sobraçando ainda filhos de tenra idade, galgarem vielas tão íngremes que, no dizer de alguns articulistas, as nossas calçadas da Glória e do Lavra ficam a perder de vista!

Deixar que essas mulheres, à maneira dos remadores da antiguidade, morram por tão esgotante labor, ultrapassa tudo quanto é tolerável numa comunidade civilizada. Na era dos transportes mecanizados, é indesculpável o desmazelo dos que têm poderes para sustar tal estado de coisas. Impõem-se rápidas medidas para suprimir essa exploração infame.

Conseguir-se-á, desta feita, por mor do novo caderno da Liga de Profilaxia, acabar com o ignominioso tráfico? Não o sabemos, mas se tal acontecer, convenhamos que já não é sem tempo.

O DEVER E OS SEUS FANTASMAS

Doze pequenos escoteiros ingleses encontraram-se para a habitual reunião semanal na sua modesta sede—o sótão duma garagem, a garagem da escola, em qualquer pequena cidade da província.

Um candeeiro de petróleo que tombou fez alastrar, num momento, as suas chamas ameaçadoras sobre o madeiramento do chão. A saída do local era uma só: o alçapão que dava passagem para a escada íngreme e estreita.

Mas ninguém pensou em sair...

As chamas punham em risco não só a garagem, mas a escola — a escola que uns frequentavam, onde os outros haviam estudado, que era a única da localidade e generosamente lhes havia cedido o modesto desvão onde funcionava o seu grupo.

O dever era claro. Impunha-se evitar que as chamas alastrassem, que a imprevidência — se houve imprevidência — dos escoteiros, não se convertesse em prejuízo de toda a comunidade.

A' luz das chamas, cada vez mais altas e perigosas, começou a escrever-se mais uma página de sacrifício e heroicidade de gente moça, generosa até à temeridade.

Ninguém fugiu. Os doze rapazitos, entre os dez e os dezasseis anos, lutaram em luta desigual, contra o fogo que os envolveu deslealmente nas suas labaredas, como a dizer-lhes que o poder da desgraça excede todos os heroísmos.

Quando os bombeiros chegaram o fogo estava extinto. Dois pequenos escoteiros estavam mortos, horrivelmente queimados. E os dez restantes, alguns em estado grave, tiveram de ser conduzidos ao hospital.

Salvara-se a garagem. Salvara-se a escola. Salvaram-se, acima de tudo, os preceitos escotistas que ensinam o culto da coragem e que a vida deve ser trocada, sem hesitação, por um bem maior, sacrificada a sorrir pelo interesse e bem estar da comunidade.

Perante as cinzas dos dois pequeninos escoteiros ingleses, perante os sofrimentos e mutilações dos outros dez, nós, a gente grande, sentimos uma grave imposição. Temos de fazer crer à gente nova que o cumprimento irreflectido do que se apresenta como dever formal pode conduzir a excessos e erros irreparáveis e que o valor do sacrifício se perde quando excede a importância da causa que o determina. A economia do sacrifício tem de ser explicada às naturezas generosas prontas a dar tudo sem medida nem equilíbrio. A moral do cristianismo, neste ponto como noutros, tem a perfeição que falta a outras doutrinas.

O dever também tem os seus fantasmas.

De «Novidades»

Gratidão

(Conclusão da 1.ª página)

sequer um par de semanas, sacrificada sempre para que o Escotismo siga a sua marcha, a bem dos rapazes...

* * *

Eu quero render o meu mais fervente tributo de admiração para todas as esposas, que, como a minha, consomem as melhores horas das suas vidas em facilitar as nossas actividades escotistas. A elas, deve-se a metade, pelo menos, dos êxitos por nós obtidos, e são realmente credoras da profunda gratidão do Movimento Escotista Mundial.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

O Aniversário do «Sempre Pronto»

Por motivo do aniversário do nosso jornal, recebemos um simpático ofício da Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz, subscrito pelo seu Director, Sr. António Vítor Guerra, apresentado-nos felicitações. Agradecemos reconhecidos.

● Pelo mesmo motivo, recebemos um telegrama de felicitações do nosso dedicado Agente-Correspondente em Angra de Heroísmo, Sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva. Agradecemos e felicitamo-lo também, porque Moniz Silva é um dos bons obreiros do «*Sempre Pronto*».

● O semanário «*Ecos de Belém*» teve a gentileza de se referir ao nosso VII aniversário. Agradecemos.

Os Escoteiros podem acampar nas matas nacionais

Por despacho do Sr. Subsecretário da Agricultura os escoteiros foram autorizados a acampar nas Matas Nacionais, nos locais destinados para esse efeito ou sejam aqueles já indicados para uso dos campistas.

Para que os escoteiros possam usufruir esta regalia é necessário que estejam munidos do respectivo cartão de identidade da Associação dos Escoteiros de Portugal, que deve ser apresentado aos guardas florestais.

Estas facilidades foram concedidas em face de gestões feitas pela Direcção da A. E. P. e prontamente atendidas pelo Sr. Subsecretário da Agricultura, que manifestou assim mais uma vez a simpatia do Governo pelo Escotismo Nacional.

O próximo Boletim Oficial publicará as normas que devem cumprir os escoteiros que desejem acampar nas matas Nacionais.

Em resultado de diligências igualmente feitas pela mesma direcção, o nosso movimento deve dispor dentro em breve de um excelente local, arborizado com eucaliptos, para campo permanente e privativo dos Escoteiros de Portugal.

O "Sempre Pronto" visitou a sede do Grupo 33, de Leiria

Quando da realização da I Reunião Geral dos Escoteiros Chefes Evangélicos, à sua passagem por Leiria, aqueles dirigentes eram aguardados pelo Sr. Tenente Carlos Cascais Eusébio, chefe do Grupo n.º 33 daquela cidade, que os levou a visitar as excelentes instalações do seu grupo.

A sede do grupo de Leiria ocupa dois andares de um edifício situado num bom local; a visita deixou as melhores impressões em todos os forasteiros. Realmente, dentro do «33» paira um ambiente verdadeiramente escotista e sente-se uma atmosfera, não de estagnação, mas de trabalho e realizações, o que demonstra o zelo e a dedicação do seu Chefe e do seu ajudante, Sr. Sargento Guimarães, que tivemos o prazer de conhecer.

No primeiro andar, encontra-se a sala principal, com as paredes decoradas com bons quadros de motivos escotistas. Pelo chão, podiam-se ainda ver os restos da árvore de Natal, com que os escoteiros ornamentaram a festa que realizaram naquela quadra do ano.

Subimos depois ao segundo andar onde, então, tivemos o ensejo de apreciar um belo trabalho escotista: sobre um taboleiro de cerca de 4 metros quadrados, os escoteiros, sob a direcção do Sr. Sargento Guimarães, moldaram com barro uma interessante maqueta que reproduzia um trecho do campo, com vários motivos apropriados: uma herdade, os pastos, com vacas e ovelhas a pastar, um acampamento escotista, um riacho atravessado por uma elegante ponte, por onde passava uma estrada provida de iluminação eléctrica, cujos postos munidos de pequena lampadas iluminavam graciosamente o trabalho. A fogueira do fogo de conselho, próximo do acampamento, também apresentava o efeito do fogo por meio da electricidade.

Os visitantes ficaram encantados perante o magnífico trabalho dos rapazes do «33» e todos manifestaram o seu agrado com palavras de merecido elogio.

No mesmo andar, está ainda instalado o gabinete do chefe e os das patrulhas. Digno de assinalar, um boa aparelhagem de morse, obra também do Sr. Sargento Guimarães.

A curta visita terminou no meio da satisfação geral, não só por se ter visto o belo trabalho que o grupo 33 está a realizar, como pela gentileza com que foram recebidos pelos dirigentes daquela unidade escotista.

A' "Boa Acção do Natal" do Grupo 94

No último domingo do ano transacto, os escoteiros do Grupo 94 ofereceram um almoço, na sua sede, a 25 crianças pobres do bairro da Ajuda, com quem confraternizaram numa tarde de alegre camaradagem.

O almoço, constituído por sopa, um prato de carne e sobremesa, foi servido com abundância e decorreu no meio da maior alegria, especialmente por parte das crianças contempladas.

No final, os escoteiros, numa breve sessão de propaganda, entoaram canções e exibiram-se em alguns jogos escotistas, que entusiasmaram todos os rapazinhos.

A maior parte das despesas foi coberta com os donativos angariados pelos escoteiros do grupo.

Ciência e Paciência

PROBLEMA N.º 13

Com as seguintes 50 sílabas, forme 25 dissílabos sinónimos das seguintes palavras:

1 merecedor
2 límpido
3 curral
4 peixe
5 simplicidade
6 lacónico
7 gosto
8 desavença
9 estômago
10 estragado
11 resíduo
12 sinal ortográfico
13 nasce
14 peralta
15 negaça
16 relâmpago
17 chocalho grande
18 cambo
19 conjunto de planetas
20 inteligência
21 cabeça
22 responsabilidade
23 pequeno povo
24 humor
25 metalóide

BO — BOR — BRI — BRE — BRO — BRO — BU — CA — CAR — CHA — CHA — CHO — CHO — CHO — CHO — CHO — CIN — CLA — CO — CO — COR — DEZ — DI — DIL — DRA — FLO — FUL — FU — GA — GNO — GO — LA — LA — LI — MA — MEN — MO — NU — TA — TA — TE — TRI — RA — RE — RO — SA — VE — VE — ZA — ZIL

Solução do Problema n.º 9

TERMÓMETRO — FOTÓMETRO — BATÍMETRO — SALINÓMETRO — PLUVIÓMETRO — VOLTÍMETRO — ODÓMETRO — DROMÓMETRO — HALÓMETRO — ALCOÓMETRO

Solução do Problema n.º 10

VILA NOVA DE TAZEM

Solução do problema n.º 11

Leque	Rival
Bruxo	Quedo
Frete	Monje
Rumor	Padre
Altar	Breca
Préso	Falso
Tombo	Cravo
Truta	Pista
Pomba	Presa
Pobre	Trela
Gruta	Manso
Burgo	Letal
Burla	Trema
Trono	Lenda
Creme	Poder
Prova	Plebe

Provérbio

Quem tem um burro e o vende lá se entende.

Ainda pode concorrer ao nosso Concurso. Ganhará um ponto por cada solução certa. Quando somar 20 pontos tem direito a um prémio. Um livro e respectiva citação nesta coluna.

As soluções devem ser remetidas à Redacção nos 30 dias após a saída do jornal.

A dificuldade financeira através do prisma escotista

Palestra apresentada por Eduardo Ribeiro à I Reunião Geral de Escoteiros - Chefes Evangélicos

O Escotismo em Portugal tem problemas próprios que devem ser estudados à luz das realidades e segundo as condições do meio em que vivemos. Sempre que se trata de lançar uma Obra ou um novo empreendimento, a primeira dificuldade que surge, quase sempre a mais grave, é o problema financeiro. Qualquer iniciativa que tenha de ser conduzida à margem das instituições oficiais, enfrenta-se imediatamente com a realidade da pobreza e falta de recursos para poder sustentar a obra em vista.

O Escotismo naturalmente não foge a esta regra. Porém, para nós o problema é mais complexo. É que o Escotismo, como movimento educativo que é, tem responsabilidades que o impedem de solucionar o problema pelos métodos vulgares do peditório. O Escotismo, se não quiser atraiçoar o seu grande objectivo — EDUCAÇÃO —, tem de exercer acima de tudo influência educativa. Para educar, não pode ignorar nem as qualidades nem os defeitos da nossa gente, assim como terá de se adaptar às circuntâncias e ao ambiente do nosso povo.

Devemos assim verificar que o baixo nível de vida do povo originou, e origina, defeitos. O hábito do peditório, de para tudo se esperar o auxílio ou a iniciativa do Estado, o constante recurso ao donativo, ao auxílio estranho. Por outro lado gerou um complexo de inferioridade, levou o homem a descrer da sua capacidade de trabalho, criando um sentimento de fatalismo que o impede de lutar com afinco pela sua prosperidade e desafogo económico.

O rapaz quando ingressa num grupo de escoteiros vem cheio destes prejuízos, espreitando aquilo que pode receber, os benefícios que pode auferir, e muito pouco disposto, porque não está a isso habituado, a dar alguma coisa. Considera-se incapaz de ser escoteiro se lhe não for dado o fardamento, pagas as despesas com os acampamentos e, até, fornecidas as refeições. E a coisa na realidade tem a sua razão de ser. Se o Chefe for investigar, saberá que muitas vezes o Pai ganha um salário insuficiente para as necessidades do lar e a família vive sobrecarregada com encargos que não consegue solver.

Outras vezes, porém, o salário ou ordenado poderia equilibrar o orçamento doméstico, se o agregado familiar fosse capaz de se privar de certas coisas secundárias e sem interesse fundamental para a vida. O cinema, o futebol, o álcool, o fumo, os cosméticos, etc. etc., contribuem em larga escala para comprometer o orçamento doméstico de muitas famílias.

Em face destas circuntâncias, e perante um rapaz que se apresenta cheio de vontade de ser escoteiro, o mais fácil para o Chefe é arranjar dinheiro, comprar o fardamento, vestir o rapazito e apresentá-lo pronto para fazer o Compromisso. Mas, sob o aspecto educativo — aquele que interessa ao Escotismo — qual foi a vantagem de tal gesto? — Nenhuma! Só houve prejuízo. O rapaz ficou mais descrente ainda das suas próprias possibilidades, habituou-se ainda mais a depender dos outros para a solução dos seus problemas pessoais. Amanhã, na vida, quando em face das dificuldades lhe faltar o socorro alheio, iremos encontrá-lo derrotado, aceitando a situação como fruto do «fatalismo» contra o qual julga inútil lutar.

Como proceder então? — De forma totalmente diferente. Como escoteiros devemos aproveitar essa circunstância do rapaz para obter resultados vantajosos para a educação. É preciso que seja ele a adquirir o seu uniforme. O processo será mais moroso, mas de resultados mais firmes. O rapaz, a quem foi oferecido o fardamento, abandonará o Grupo com a mesma facilidade com que entrou. O outro, aquele que o comprou a custo que fez esforço para se fardar, para ser escoteiro, criou amor àquilo que lhe foi custoso e permaneceu como um dos bons escoteiros do Grupo. Os Chefes presentes poderão, com a sua experiência, corroborar esta minha opinião.

O processo educativo será estimular no rapaz o espírito de economia. Não a economia avara, mas um espírito que o levará a privar-se do que for supérfluo, talvez o cinema, as guloseimas, a favor daquilo que é útil, neste caso o fardamento. Depois, procuraremos desenvolver o espírito de iniciativa, a imaginação criadora, o hábito de trabalhar para alcançar pelo seu próprio esforço aquilo que deseja ou de que tem necessidade. Os escoteiros organizarão festas, em que eles serão os próprios «actores», para adquirir fundos. Poderão construir objectos de madeira, utensílios domésticos, ferramentas, brinquedos, que serão vendidos a favor do cofre do Grupo ou da caixa de fardamentos.

Recolher sucatas de ferro, de chumbo, de latão, papel velho e outras, que, vendidas, reverterão a favor do fundo de fardamentos, equipamento ou outros objectivos. Por este processo, os escoteiros britânicos da localidade Barking reuniram os fundos necessários para convidar 6 escoteiros portugueses a passarem 15 dias na Inglaterra. Por esta forma poderão conseguir-se os fundos para fardamentos, sem qualquer prejuízo, mas pelo contrário com grandes vantagens. O rapaz educou-se no trabalho e descobriu que podia alcançar os seus desejos pelo esforço próprio abençoado por Deus. Adquiriu confiança nas suas possibilidades, acreditou em si próprio e habituou-se a depender mais de Deus que dos homens.

Nunca devemos substituir-nos ao rapaz no seu próprio esforço. Deixemos sempre que ele faça a sua parte e só depois de ele ter feito a sua parte, poderemos acrescentá-la naquilo que não estiver ao seu alcance.

Certamente que as unidades devem procurar algum auxílio. Sócios auxiliares ou protectores. Ofertas especiais, mas estes auxílios nunca devem ter em vista substituir o esforço dos próprios escoteiros, mas destinar-se-ão ao pagamento de uma renda de casa, ou para adquirir meios de trabalho, equipamentos que pelo seu elevado custo não estejam ao alcance das disponibilidas imediatas e ainda por que se destinam a um serviço de vários anos. Mas mesmo aqui nunca se deve dispensar a comparticipação dos escoteiros pelos processos já apontados.

Poderemos assim concluir:

1.º) O rapaz deve adquirir com os recursos próprios ou com o fruto do seu esforço pessoal ou colectivo o fardamento e o equipamento.

2.º) As finanças do grupo, embora auxiliadas por quotizações ou ofertas especiais, não devem dispensar a comparticipação dos escoteiros através do pagamento de uma quota obrigatória, organização de festas e outras iniciativas.

3.º) Considera-se como muito educativo todo o esforço que o escoteiro faça para suprir às suas despesas pessoais e do grupo, criando hábitos de iniciativa e de trabalho:

4.º) O dirigente nunca deve substituir, pelo seu esforço próprio, a parte que cabe ao escoteiro.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Um importante acontecimento escotista

I Reunião-Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos

Na Figueira da Foz, em 12 e 13 de Janeiro findo, realizou-se com aprovação oficial da Direcção da A. E. P., esta importante reunião escotista, na qual tomaram parte os Chefes Srs. Arnaldo Eduardo Couto, representando os grupos 15 e 91 do Porto e Gaia, respectivamente; Francisco A. das Neves, pelo Grupo 78 da Figueira da Foz; Tenente Carlos Cascaes Eusébio, pelo Grupo 33 de Leiria; José Marques Serrano, pelo Grupo 40 de Setúbal; Armando Lino e Capitolino Ferreira Macedo, membros da Comissão Organizadora da União Evangélica de Escoteiros de Portugal, que representavam os Grupos 53 e 94, respectivamente; e Samuel Vieira, pelo Grupo em organização na Igreja da Rua de S. Bento, em Lisboa. E ainda os srs. Rúben Mata, Eduardo e Joel Ribeiro, da mesma Comissão Organizadora.

Tomaram ainda parte nos trabalhos os srs. Rev. Dr. Francisco Cruz, pastor da Igreja Evangélica daquela cidade; Evaristo Correia, do Consistório da mesma; Raul Adolfo Correia, antigo chefe do Grupo 78 e os actuais ajudantes srs. Raul Vaz Correia e Carlos Alberto Pires Tomás.

Os Chefes de Lisboa e Setúbal deslocaram-se à Figueira da Foz de automóvel, tendo tido os diversos delegados um acolhimento afectuoso. No sábado, à noite, efectuou-se a primeira sessão a que presidiu o chefe Capitolino Ferreira Macedo. A seu convite, o sr. Eduardo Ribeiro iniciou os trabalhos dando uma rápida resenha histórica do Escotismo Evangélico em Portugal e dos fins da reunião.

Após isto, o sr. dr. Francisco Cruz apresentou saudações da Igreja Figueirense aos delegados presentes e manifestou a sua satisfação por ter sido escolhido o edifício da sua igreja para realizar esta I Reunião Geral. O Presidente agradeceu e, depois de terem sido estabelecidas as normas de funcionamento das sessões, o sr. Joel Ribeiro apresentou a sua tese sobre *Vantagens do Escotismo numa Igreja Evangélica.* Este trabalho, elaborado com muita elevação, mereceu referências muito agradáveis de quase todos os presentes, em particular dos srs. Dr. Cruz e chefe Couto.

A Segunda Sessão de Trabalhos

No domingo, às 9 horas da manhã, efectuou-se a segunda sessão. Foi eleito para presidir o sr. Eduardo Ribeiro. O sr. Rúben Mata leu a acta da sessão anterior, que foi aprovada por unanimidade.

Antes da ordem dos trabalhos foi resolvido enviar telegramas de saudações ao sr. Presidente e Direcção dos Escoteiros de Portugal, e ao Rev. Dr. M. P. Testa, secretário-executivo da Junta Presbiteriana.

Procedeu-se depois ao estudo da primeira parte do projecto dos Estatutos da U. E. E. P., acerca da qual se trocaram diversos esclarecimentos, tendo sido aprovada.

O sr. Tenente Cascaes Eusébio apresentou a sua tese sobre *Atitude do Grupo Evangélico perante a convicção religiosa do rapaz* e o Sr. Armando Lino outra sobre o tema *Relações do Grupo de Escoteiros com a Igreja.* Ambas foram muito apreciadas e discutidas, tendo o Chefe Couto apresentado exemplos interessantes acerca da colaboração do seu Grupo—o 91—com a Escola Primária da Igreja do Candal, que serviram para ilustrar o espírito de serviço do Escotismo. As conclusões das duas teses foram aprovadas unânimemente.

O Serviço Religioso

No Templo da Igreja efectuou-se às 11 1/2 horas um serviço religioso ao qual assistiram todos os delegados. O Chefe Arnaldo Eduardo Couto saudou a Igreja Figueirense em nome dos Escoteiros Evangélicos e o Chefe Armando Lino voltou a ler a sua tese, a fim de que todos os presentes pudessem apreciar a vantagem de uma boa cooperação entre o Grupo de Escoteiros e a Igreja a que está anexo. Seguiu-se o culto evangélico, em que o Rev. Cruz pregou sobre o «Poder da oração na vida do crente».

A Terceira Sessão de Trabalhos

Esta sessão começou às 15 horas, tendo sido eleito para a sua presidência o Chefe Armando Lino. Foi lida e aprovada a acta da segunda sessão.

Prosseguiu o estudo do projecto dos Estatutos que foi aprovado na generalidade, com um pequeno aditamento proposto pelo Chefe Cascaes Eusébio.

Nesta altura dos trabalhos, os nossos irmãos-escoteiros da Figueira da Foz surpreenderam os visitantes com uma atenção simpática, fazendo descerrar na sala onde se efectuavam as sessões, uma lápida comemorativa desta I Reunião-Geral dos Escoteiros-Chefes Evangélicos. Em nome do Consistório da Igreja saudou os visitantes o Presbítero sr. Evaristo Correia, falando o Chefe sr. Francisco Neves em nome do Grupo 78. O sr. Armando Lino agradeceu o acolhimento dispensado e a iniciativa havida, que ficaria a recordar esta histórica reunião.

Prosseguindo, o sr. Capitolino Ferreira Macedo apresentou a sua tese sobre *O aspecto religioso no programa das reuniões escotistas*, e o sr. Eduardo Ribeiro outra sobre *A dificuldade financeira através do prisma escotista*, que noutro lugar publicamos. As conclusões de ambas foram aprovadas por unanimidade.

Antes de encerrar os trabalhos o Chefe Couto manifestou a sua satisfação pela elevação de todas as teses, expressando todos a sua alegria pela forma como os trabalhos tinham decorrido. De facto, foi uma reunião muito útil, e as conclusões, que estão sendo largamente distribuídas no meio evangélico, irão contribuir, certamente, para um maior desenvolvimento do Escotismo em Portugal.

Para mostrar o interesse despertado por esta Reunião e o espírito de dedicação revelados, bastará dizer-se que apesar de todos estarem sobrecarregados com as despesas de viagem, ainda foi levantada uma colecta que rendeu 210$00 a favor das despesas de expediente da Comissão Organizadora.

Suspensa a sessão por quinze minutos, para acabar de elaborar a respectiva acta, foi depois esta lida pelo Secretário sr. Rúben Mata e aprovada por unanimidade.

Encerrados os trabalhos cerca das 18 horas, os delegados começaram a retirar para as suas terras, tendo uma despedida carinhosa da parte dos amigos da Figueira da Foz, não só dos que tomaram parte na reunião, mas ainda de outros elementos que se associaram ao Grupo n.º 78.

———— • • o • • ————

Propor um novo assinante é garantir a vida do «Sempre Pronto».

Notas à margem do

Projecto do Regulamento Geral da A. E. P.

Pensávamos prosseguir neste número a análise do Projecto do R. G., que a Direcção da A. E. P. está a publicar em folhas copiografadas. Porém, acabam de ser distribuídas mais destas folhas, o que eleva a 14 o número já distribuído. Não poderíamos manter a análise de pormenor, porque não dispunhamos de espaço, mas parece-nos que não mereceria a pena fazê-lo, visto que verificamos que a orientação dada ao Projecto do R. G. não é, em nossa opinião, aquela que mais interessaria ao Movimento.

Não podemos, nem o quereríamos, impor o nosso critério, contudo achamos o Projecto em apreciação muito complexo e sobrecarregado com matéria de especialidade, que nos parece deveria constar de Regulamentos Especiais. Em nossa opinião, partilhada por outros dirigentes e até já publicamente sugerida por elementos desempenhando altos cargos associativos, o Regulamento Geral deveria conter apenas as disposições de carácter geral que interessassem a todo o Movimento. Seriam depois criados Regulamentos Especiais, como por exemplo: «Regulamento dos Serviços Centrais», «Regulamento Disciplinar», «Regulamento de Formaturas», «Regulamento de Uniformes» e outros mais que se reconhecessem necessários.

Acontece ainda que estes assuntos são aqueles que mais sujeitos estão a modificações, pelo que a sua alteração não implicava substituições no Regulamento Geral.

Em face disto parece-nos que não merecerá a pena discutir em pormenor um Regulamento que não aceitamos na generalidade e cumprirá depois aos representantes dos Grupos manifestarem a sua opinião sobre o assunto. Por nossa parte, procuraremos estudar nestas colunas alguns aspectos gerais do Regulamento, e fazemo-lo na esperança de que o nosso trabalho será bem interpretado pela Direcção Central e útil ao empreendimento a que a mesma se abalançou.

———— • • o • • ————

Cumprimentos ao "Sempre Pronto"

Tiveram também a gentileza de nos remeter o seu cartão de Boas-Festas, os srs. Alberto Duarte Pereira, de Luanda, e o sr. Prof. Dr. Roger Kleber, de Viena, Áustria.

Agradecemos e retribuímos reconhecidos.

Cantinho dos mais novos

Nobreza de Carácter

Um conto de FERNANDO SANTOS (Falcão Negro)

Numa rua da cidade do Porto havia grande borborinho. Vários rapazes, vendo um outro que vestia pobremente, começaram a atirar-lhe pedras, assobiavam-no e, não contentes com isso, acabaram por lhe bater.

Nesta altura passava um jovem, de estatura regular, notando-se-lhe um olhar leal. Vendo aquela cena, sorriu tristemente, e correu em auxílio do pobre. A garotada, surpreendida pelo inesperado auxílio e tomando o jovem por pessoa de mais idade, fugiu imediatamente.

Ao levantar o pobre, Rodolfo, (assim se chamava o jovem), notou que este se encontrava ferido no rosto. Carinhosamente limpou-lhe a cara e perguntou-lhe se tinha fome.

Ouvindo a resposta afirmativa, levou-o a uma casa de comidas e pediu uma refeição para o pobre.

Assim que o viu refeito, perguntou-lhe para onde tencionava ir.

— Senhor, eu sou órfão de pai e mãe, nascido ao pé de Ponte de Lima e, como lá não arranjava trabalho, resolvi meter pés a caminho para ver se aqui conseguia alguma coisa, visto que tenho de me alimentar.

Rodolfo olhou pensativamente para o pobre que chorava e perguntou-lhe se queria ir com ele.

—Sim — respondeu Alberto.

Então Rodolfo, pagando a despesa, deu o braço a Alberto e seguiu pelas ruas fora, muito vagarosamente para que este o pudesse acompanhar.

* * *

— Boas tardes, Chefe!

— Boas tardes Rodolfo, então hoje vens atrasado, porquê?

Iludindo a resposta, Rodolfo pediu ao chefe autorização para lhe apresentar Alberto.

Este encontrava-se admirado de ver naquela casa tantos rapazes que envergavam uma farda que para ele era desconhecida e se encontravam espalhados pela sala entretidos uns a fazerem nós, outros a aprenderem morse com um pequeno besouro.

Quando ouviram Rodolfo pedir ao chefe para que deixasse apresentar-lhe Alberto, todos olharam para o sítio onde este se encontrava e lançaram-lhe sorrisos de simpatia, rodeando-o e cumprimentando-o.

O chefe, por sua vez, aproximou-se e, cumprimentando Alberto, disse:

— Sê bem-vindo. Esta casa é tua.

Rodolfo contou que o tinha encontrado e, sentindo simpatia por ele, resolveu levá-lo até ali, omitindo propositadamente o que tinha feito.

Foi então que Alberto contou o que Rodolfo fizera por ele, livrando-o da garotada que lhe batia e depois pagando-lhe uma refeição em que gastou as últimas moedas que com ele tinha.

Sorrindo, o chefe abraçou Rodolfo, dizendo:

— Agora compreendo por que trouxeste Alberto contigo.

«Pois bem, está descansado que encontrou em nós verdadeiros amigos.

«Nós queremos todos coadjuvar-te na boa acção que praticaste.

«De hoje em diante, Alberto, será nosso hóspede, e nós, todos juntos, procuraremos um emprego para o nosso protegido.

«Tu és sem dúvida alguma o melhor escoteiro do nosso grupo.

«Cumpriste muito bem a tua lei de escoteiro».

E todos, um a um, foram abraçar, comovidamente, Rodolfo.

* * *

Passado tempo, Alberto encontrava-se empregado numa grande casa comercial, ganhando o suficiente para a sua alimentação e para se vestir.

Hoje faz parte daquele grupo que tão carinhosamente o recolheu nos seus dias de desdita, fazendo por cumprir o seu lema «*Sempre Pronto*», auxiliando todos os desgraçados que encontra, bendizendo Rodolfo, o escoteiro que cumprindo a sua lei e o seu lema o arrancou para sempre das garras da miséria.

Nesta secção publicaremos, com prazer, colaboração que nos seja enviada por escoteiros, desde que esteja em condições de ser publicada, não se exigindo no entanto, perfeição literária que exceda o que se pode esperar da idade do escoteiro, que pedimos nos seja sempre indicada.

O Major-General D. C. Spry

foi nomeado Subdirector da Repartição Internacional de Escotismo

O Major-General Daniel C. Spry, jovem general canadiano e um dos oficiais mais populares do exército da sua pátria, que esteve em Lisboa em Setembro de 1950, foi nomeado Subdirector da Repartição Internacional de Escotismo, com responsabilidade directa no escotismo de todo o continente americano.



Por este motivo, o General Spry pediu a demissão de membro do Conselho Internacional de Escotismo. Para o substituir, e até à próxima eleição, foi designado o Comissário Jackson Dodas, um dos mais notáveis dirigentes do Escotismo Canadiano, que ainda recentemente foi condecorado com a mais alta medalha do Escotismo Grego pelos relevantes serviços prestados ao povo e escoteiros gregos. A medalha foi-lhe entregue pelo Embaixador da Grécia no Canadá.

O General Spry, que é escoteiro desde muito novo, começou por lobito (conforme biografia publicada no «Sempre Pronto» de Julho de 1950), tem tido uma acção notável como Comissário-Chefe Executivo do Escotismo canadiano, realizando uma obra de orientação tão activa quanto útil e profunda.

O escotismo no continente americano fica pois a contar com um colaborador precioso, de cuja acção muito se pode esperar.

ESCOTISMO NA CAPITAL

GRUPO N.º 5

Depois de ter procedido a importantes melhoramentos na sua sede na Calçada dos Barbadinhos, n.º 3, este grupo vai iniciar as suas actividades deste ano, inaugurando as novas instalações e descerrando um busto do fundador do Escotismo, Lord Baden-Powell, obra executada pelo escoteiro-chefe ajudante do Grupo, sr. Manuel Celso da Conceição Rodrigues.

Devemos assinalar o facto de todos os trabalhos, inclusive o busto, terem sido executados pelos escoteiros, simples curiosos nestes ramos de actividades, dando assim uma flagrante demonstração das proveitosas vantagens do Movimento Escotista.

Esta inauguração esteve marcada para 1o do corrente e para ela esteve convidado o sr. Embaixador de Inglaterra e Presidente dos Escoteiros de Portugal, tendo sido adiada para 9 de Março próximo por virtude do falecimento do Rei Jorge VI, estando convidadas as mesmas entidades e ainda os srs. Presidente da Câmara Municipal e Director Geral dos Desportos.

É bom saber...

Um grande herói!

Contou-nos a imprensa diária, por entre o noticiário irritante que traduz a expressão da maldade humana, que um sábio italiano, especialista de microbiologia, o Dr. Giovanni Paulette, que foi um dos assistentes do professor Swingle na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, faleceu por ter experimentado em si próprio um novo medicamento, parece que destinado a combater a paralisia infantil.

O Dr. Paulette tinha já experimentado o medicamento em cobaias, faltava a prova humana. Não hesitou em fazer-se injectar para a experiência que poderia levar alívio a muitos padecentes e assim morreu. Curvemo-nos respeitosos perante a sua memória e prestemos-lhe homenagem como um grande herói, herói de uma espécie já rara num mundo onde o egoísmo campeia.

Remédios Antigos-Modernos

Penicilina na Bíblia! ... Ora essa?! — Afirma, porém, um sábio comentador que a penicilina foi mencionada a primeira vez há cerca de 3.000 anos, no Salmo 51: — «*Purifica-me com hissope, e ficarei puro*», — clamou o Salmista. Ora os cientistas da actualidade sabem agora que a planta denominada *hissope* produz penicilina, o que lhe concede poder curativo, a qual nos tempos bíblicos se empregava nos ritos de purificação.

É mais uma prova da maravilhosa certeza da Bíblia, no que diz de várias coisas que a ciência só muito mais tarde veio a descobrir.

«St. Johin's Parish Magazine» citado em «Alimento Espiritual»

Novas espécies de peixe no mar de Moçambique

O conhecido ictiologista sul-africano, professor J. L. B. Smith, que acaba de regressar de uma companhia ictiológica em Moçambique, revelou que encontrara ao longo da costa daquela província ultramarina de Portugal, pelo menos, 20 espécies de peixes inteiramente novas para a ciência.

O professor Smith teve ainda palavras de reconhecimento para as autoridades portuguesas, que muito felicitaram a sua missão.

Do «*Jornal do Pescador*»

Os progressos da indústria de gravação de discos

A indústria do disco é objecto actualmente nos Estados Unidos de uma luta apaixonada, que tem renovado inteiramente a sua exploração. A organização «Columbia» lançou os L. P. «long player», disco que roda 33 vezes por minuto em lugar de 78 e que tem os sulcos de tal maneira apertados que basta um disco de 30 cm. para fazer ouvir sem interrupção uma sinfonia ou um concerto inteiro.

R. C. A. — Victor, por seu lado, lançou outro disco, ultra-ligeiro de pequeno diâmetro, que roda 45 vezes por minuto, com a mesma duração dos discos habituais, assim como um gira-discos automático, de uma infantil e robusta simplicidade. Os dois sistemas não se opõem, não se excluem nem se substituem. Columbia satisfaz os amadores de grandes obras e a R. C. A. destina-os seus discos àqueles que desejam ouvir «música» durante uma hora ou mais sem se incomodarem. O único senão que se pode formular perante um país onde o «serviço ao cliente» passa geralmente à frente de tudo o resto, é que infelizmente o amador de música gravada tem de ter o «pick-up» normal de 78 voltas por minuto, um transformador Columbia para os discos L. P. a 33 voltas e um gira-discos automático R. C. A. para pequenos discos de 45 voltas. É de esperar que um acordo industrial tornará um dia fàcilmente utilizáveis para o grande público estes progressos, nascidos numa atmosfera de concorrência encarniçada.

SERVIÇOS CENTRAIS

(Do Boletim Oficial n.º 8/51, de 27 de Novembro p. p., destacamos as seguintes rubricas:

Grupos sob observação atenta — Foram colocados, durante 3 meses, nesta situação os Grupos n.os 16 e 67, de Carcavelos e Seixal (1).

Nomeações—Foi colocado adstrito ao S. M. U. o E. S. Armando Rosa, do Grupo n.º 13.

Recompensas — Foram concedidas aos seguintes escoteiros do Grupo 53, as medalhas:

Assiduidade (Classe Cobre) — António José Baptista Pires, José Reinaldo Soares Pinto, Fernando Vaz de Carvalho, Vítor Manuel de Andrade.

Dedicação e bons serviços (Classe Cobre) — Carlos Pinto Sestelo, João Carlos Saraiva Mamede.

(1) N. da R. — *Embora nos cause estranheza a designação «Grupos sob observação atenta», que nunca vimos regulamentada nem usada e «sob observação atenta» devem estar todos os Grupos, mais estranheza nos causa ver citado o grupo do Seixal que há muito foi considerado inactivo.*

IMPRENSA

«Ecos de Belém»

Em princípio de Janeiro entrou no seu 20.º ano de publicação este nosso prezado colega, defensor dos interesses da freguesia de Belém, a quem felicitamos, desejando muitas mais prosperidades.

Deixou a direcção deste semanário o nosso estimado amigo sr. João Bastos Nunes, cargo que exerceu proficientemente durante vários anos. Assumiu interinamente a direcção o sr. Custódio Baptista Vieira, a quem desejamos muitos êxitos.

«Portugal Novo»

Entra este mês no seu 23.º ano de publicação este mensário, órgão da Juventude Evangélica Portuguesa. A todos os nossos estimados amigos que compõem o seu Corpo Directivo endereçamos as nossas felicitações, com votos de que o «Portugal Novo» conte novos e contínuos progressos.

A FIRMEZA DE UM JOVEM

Um rapazinho de doze anos alistou-se como grumete a bordo de um navio da marinha mercante. Ainda não tinha chegado ao alto mar e já alguns marinheiros lhe ofereciam um copo de aguardente.

— Peço que me desculpem — disse ele — prefiro não beber.

O capitão tendo conhecimento da sua negativa chamou o pequeno grumete e disse-lhe: — é preciso que aprendas a beber aguardente, se quiseres ser um verdadeiro marinheiro.

— Capitão, prefiro ser despedido, a beber.

O capitão, ferido no seu orgulho por não estar habituado a ser desobedecido, gritou a um marinheiro: — Toma este chicote e, quando este moço o tiver conhecido bem, veremos se sabe obedecer.

A ordem foi cruelmente executada e a pobre criança recebeu uma dura correcção.

— Agora — disse o capitão — bebes ou não bebes?

— Se me dão a escolher prefiro não beber.

— Então hás-de me dizer porque procedes dessa forma.

E o pobre grumete começou assim a sua narrativa:

— Éramos felizes em nossa casa noutro tempo; mas meu pai começou a beber. Não nos dava dinheiro para comprar pão, e um dia vendeu a casa e o que ela continha. Isto torturou o coração da nossa pobre mãe. Adoeceu durante algum tempo e depois morreu. Poucas horas antes de morrer chamou-me para junto do seu leito e disse-me: «João, sabes o que a bebida tem feito do teu pai? Quero que me prometas não beber nunca bebidas fortes. Quero ter a certeza de que nunca farás tal coisa maldita que nos arruinou e me conduz à sepultura.» E eu, chorando, fiz-lhe essa promessa.

O' capitão! — prosseguiu o pequeno grumete com íntima emoção — quereis ver-me faltar à promessa que fiz a minha mãe moribunda?

Eu não quero nem posso.

A estas palavras o capitão, apesar do seu coração duro, não pôde reprimir a comoção e exclamou:

— Não, não meu querido bravo! guarda a tua promessa e se alguém tentar fazer-te beber vem avisar-me e nada temas.

LUZ Y RESTAURACION

Tradução de «Novas de Alegria»

O «SEMPRE PRONTO»
vende-se na Tabacaria Boa-Hora
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

A A. E. P. é um agregado de instituições autónomas

O art.º 4.º dos Estatutos da Associação dos Escoteiros de Portugal estabelece que esta «*é um agregado de instituições autónomas em tudo o que no interesse comum não implique uma imperiosa necessidade de centralização*».

No momento em que está em estudo um projecto de Regulamento Geral, regulamento que forçosamente é fundamentado nos Estatutos, é oportuno estudar e esclarecer bem este 4.º artigo, que nos parece dos mais importantes como norma de organização do nosso Movimento. Vamos mesmo mais além — nós que ignoramos quem foram os elementos que presidiram à elaboração destes Estatutos — entendemos que a existência deste artigo prova que havia na altura da sua elaboração uma noção muito perfeita da forma como se deve constituir a Associação.

A interpretação é fácil e clara. *A A. E. P. é um agregado de instituições autónomas.* Isto é característica essencial de todo o Escotismo, que o faz diferente de quaisquer outras organizações de mocidade e reside aqui a força da sua vitalidade. Alguém, que erradamente veja no Escotismo uma organização género militar, acorrerá pressuroso a esclarecer que tais instituições são autónomas sòmente naquilo *que no interesse comum não implique uma imperiosa necessidade centralização.* Mas se não existir essa necessidade **imperiosa**, notemos que terá de ser **imperiosa**, haverá autonomia bastante nas instituições que compõem a A. E. P. E, se houver vantagem nessa autonomia, ao referidas instituições não poderão deixar de ser autónomas como preceituam os Estatutos.

Quisemos fazer notar esta circunstância porque tem sido o afasmento e a quase ignorância desta disposição que conduziu a nossa Associação a um enfraquecimento, do qual com dificuldade se poderá restabelecer.

Esta autonomia, porém, implica responsabilidade. Diz o § 1.º do art.º 11.º dos mesmos Estatutos que «os grupos de escoteiros, que são as unidades fundamentais da Associação, têm por fim, etc.». *Se os Grupos são as unidades fundamentais da Associação* essa autonomia deve começar pelos Grupos. Mas para que os Grupos possam gozar de autonomia — e essa autonomia seja útil — é indispensável que estejam organizados de forma a terem condições próprias de vida e até certo grau de fiscalização interna.

A Organização dos Grupos

Um grupo pode ser constituído por escoteiros de uma só Divisão ou de mais de uma Divisão. Em qualquer dos casos é essencial aplicar *o sistema de patrulhas* ainda em cumprimento do espírito de autonomia que é, como afirmámos, o segredo da extraordinária vitalidade do Escotismo. Se a unidade é constituída só por «Lobitos» é uma «Alcateia», formada por «Bandos» de 6 lobitos. Se é constituída por seniores é um «Clã», neste caso formado ou não por «Equipas», mas se for formado por equipas, a constituição terá uma finalidade imediata de estudo ou de trabalho, e a equipa poder-se-á modificar sempre que o programa de trabalho altere o interesse comum dos seus componentes. Se a unidade for constituída por «Juniores» é formada por «patrulhas» de 8 escoteiros, chama-se «Grupo». Se a unidade tem elementos das 3 Divisões, denominar-se-á da mesma forma Grupo, mas é conveniente dispor de um Dirigente para cada Divisão (Chefe de Divisão).

O Chefe de Grupo superintende a todo o Grupo, porém, na parte administrativa deve haver um Tesoureiro ou um Chefe Administrativo. Deve ser um princípio fundamental que *o Chefe de Grupo não se encarregue de serviços de Tesouria.* O sistema mais eficiente é a existência de um tesoureiro e de um secretário.

Como autoridade superior ao Chefe do Grupo deve existir uma Direcção ou Comissão de Patrocínio. Se o Grupo for anexo, essa direcção poderá ser a própria direcção da instituição ou elementos por ela designados. Em caso contrário, são escolhidos pelo Chefe de Grupo e nomeados pela Direcção da A. E. P.

É mais habitual que o Grupo tenha Comissão de Patrocínio quando não está anexo a alguma instituição. Todavia, parece muito conveniente robustecer a autoridade desta Comissão, de forma que os seus membros tenham inteira responsabilidade pelo funcionamento do Grupo perante a Direcção da A. E. P., vigiando e orientando a sua actividade de cooperação com o Chefe, assegurando a continuidade da vida do Grupo, competindo-lhe escolher o dirigente idóneo. Para que possa haver verdadeira consciência desta responsabilidade e os membros desta Comissão não sejam meras figuras decorativas, reconhece-se como muito conveniente abandonar a designação de Comissão de Patrocínio, adoptando definitivamente a de «Direcção do Grupo».

Os Chefes terão assim um entidade em que encontrarão não só patrocínio, mas colaboração activa, compartilhando da sua responsabilidade na orientação do Grupo.

Por esta fórmula, a autonomia dos Grupos, condicionada naquilo em que é imperiosa uma necessária centralização, subordinada à chefia técnica da hierarquia associativa, será um factor de progresso, transformando os nossos grupos que definham em diferentes pontos do país, em unidades florescentes e activas. Se nos exigirem prova destas nossas considerações, convidaremos os interessados a fazer uma digressão pelos grupos do país e a verificar que a sua eficiência aumenta na medida em que estes princípios são postos em prática.

E. R.

No próximo número trataremos da «Organização das Regiões».

A permanência de menores nas Tabernas

Lamentàvelmente continuam em pleno funcionamento nas tabernas e outros estabelecimentes de venda de bebidas alcoólicas os jogos de futebol de mesa e outros semelhantes, cuja proibição tinha sido anunciada para princípio deste ano.

É possível que seja difícil a proibição pura e simples dos tais jogos. Todavia, o maior prejuízo que eles causam provém na atracção que exercem sobre as crianças e rapazes, que actualmente acorrem às tabernas para se divertirem jogando ou assistindo a esses nocivos passatempos, que geralmente se transformam em de jogos de batota. Não é necessário carregar com tintas negras os inconvenientes da permanência nas tabernas desses menores, cuja educação periga nesse ambiente, a que muitos se habituarão insensìvelmente, começando a trilhar o perigoso caminho do alcoolismo.

Conhecemos factos de rapazes, estudantes, que faltam à Escola para se entreterem com os tais jogos e o espectáculo dos jogos rodeados de menores pode ser observado frequentemente.

É urgente, muito urgente, mesmo, salvar a nossa mocidade deste perigo. E, para isso, não é necessária nenhuma lei nova. Basta apenas que a Polícia receba instruções para cumprir a lei que proíbe a permanência de menores nas tabernas.

O «*Sempre Pronto*», interpretando o sentir de todos os pais e educadores, apela para o Sr. Comandante da Polícia, pedindo-lhe que tome a seu cuidado esta medida de saneamento moral e social, tão urgente quanto necessária.